

SAGRADO E URBANO: INFLUÊNCIA DA RELIGIÃO NA COMPOSIÇÃO DO QUADRO URBANO DE MARINGÁ

RUBINO, Carla (UEM/DGE)

1. INTRODUÇÃO

No Brasil os dados do Censo 2000 revelam um decréscimo gradual nos últimos 50 anos na população que se declara católica. Em contrapartida a população que se declara evangélica vem crescendo durante a década de 1990 (15% em 2000). Um dado relevante, o número de pessoas que se declararam sem religião aos recenseadores também vem aumentando, sendo que essas pessoas concentram-se principalmente em municípios maiores (com até 100 mil habitantes). Nas periferias dos grandes centros da região nordeste e centro-oeste a religião que constatou-se um maior crescimento foram as evangélicas. (IBGE 2003:7)

Segundo o Censo 2000, os dados mostram o Brasil como um país onde 73,6% da população declara-se católico apostólico romano, sendo, entretanto significativa a representação na população das pessoas que se declararam evangélicos pentecostais e de missão (10,4 e 4,2% respectivamente). As pessoas espíritas representam 1,4% da população que declarou possuir uma religião; sendo que estas apresentam os mais altos índices de escolaridade desta parcela da população: 9,6 anos de estudo (em média), contra 5,3 anos de estudos dos evangélicos pentecostais, os quais possuem menor escolaridade. Segundo o IBGE, tal fato relaciona-se com a concentração destes últimos nas periferias das cidades.

Os dados revelam a paisagem estruturada pela religião no Brasil que segundo Rosendahl (1996:11):

Geografia e religião são (...) duas práticas sociais. O homem sempre fez geografia, mesmo que não o soubesse ou que não reconhecesse formalmente uma disciplina denominada geografia. A religião (...) sempre foi parte integrante da vida do homem, como se fosse uma necessidade sua para entender a vida. Ambas, geografia e religião, se encontram através da dimensão espacial, uma porque analisa o espaço, a outra porque, como fenômeno cultural, ocorre espacialmente

Os primeiros trabalhos sobre religião na Geografia começaram a destacar-se com Pierre Deffontaines, em 1948, com a redação de sua obra *Geographies et religions*.

Desse momento a morfologia de estruturação e compreensão da paisagem passa a receber um novo fator a se considerado: o simbolismo inserido na paisagem pela ação humana que modifica, escreve, espacializa e figura.

Corrêa e Rosendahl (1998:8) dissecam a criação da paisagem quando afirmam:

Ela é uma dimensão morfológica, ou seja, é um conjunto de formas criada pela natureza e pela ação humana, e uma dimensão funcional, isto é, apresenta relação entre as diversas partes. Produto da ação humana ao longo do tempo a paisagem apresenta uma dimensão histórica. Na medida em que uma mesma paisagem ocorre em certa área de superfície terrestre, apresenta uma dimensão espacial. Mas a paisagem é portadora de significados, expressando valores, crenças, mitos e utopias tem assim uma dimensão simbólica.

Para os autores, a importância do conceito de paisagem foi relegada a segundo plano devido à ênfase outorgada aos conceitos de região, espaço, território e lugar (Corrêa e Rosendahl, 1998:7).

Claval (1999) não deixa de considerar que o relacionamento cotidiano do pesquisador com a paisagem faz que este se torne insensível às marcas numerosas impressas pela religião na paisagem “elas muitas vezes são relativamente discretas e lhe são familiares” (Claval 1999:37). Assim, o autor descreve dados concretos e despercebidos que encontram-se inseridos no cotidiano de uma sociedade:

As marcas do religioso na paisagem; [revelam] como os calendários religiosos se adaptam aos gêneros de vida, muitas vezes inspirando-se neles, mas também paralisando-os, através dos interditos alimentares, das proibições e da sacralização de determinados gêneros alimentares, é o conjunto das cadeias tróficas em que se inscreve a atividade humana que assim recebe um enfoque original. (Claval 1999:42)

Não se deve deixar de analisar outra marca muito presente na paisagem simbólica elaborada pela cultura nela existente: os espaços sagrado e profano, os quais, definidos segundo Rosendahl (1996:30-3), como sendo o primeiro expressão de uma necessidade do homem de estar em contato com o divino impresso nas construções e ornamentações, onde a experiência religiosa gera um campo de força e de valores que eleva o homem religioso acima de si mesmo por meio de símbolos e ritos que servem-lhe de mediação entre o humano e o divino. Em oposição direta a este espaço sagrado tem-se o espaço profano, que vem a ser um espaço cotidiano comum, simplesmente um espaço não sacro; uma infinidade de lugares neutros, com circulação e movimentação de pessoas. Por sua vez o espaço sagrado é um local singular, que vai exigir do fiel algum sacrifício para poder freqüentá-lo transcendendo do espaço profano para o sagrado. Estes espaços se opõem e se atraem, porém nunca se misturam. O sagrado e o profano estão sempre vinculados a um espaço social. A ordenação deste

espaço exigirá uma distribuição entre o sagrado e o profano. É o sagrado que delimita e possibilita o profano.

Assim, dentro do estudo da paisagem na Geografia, busca-se analisar as impressões deixadas pelo sagrado nesse espaço da superfície terrestre e compreender o simbolismo existente nesta paisagem e suas interações com a espacialização do comércio dentro do campo de influencia dos templos religiosos.

2. GEOGRAFIA E RELIGIÃO

O tema da Religião começou a aparecer nessa disciplina por volta da década de 1960 e passou a constituir um campo considerável de estudo, que procurou identificar e elucidar o caráter simbólico de alguns locais que atraíam peregrinos, revelando espaços vinculados ao culto e à morte. (ROSENDHAL, 1999: 75)

Quando se tratar das questões ligada à religião, perde-se um pouco a lógica implementada pelo capital ligado à organização da sociedade, uma vez que os lugares sagrados estão desvinculados da lógica econômica, pertencendo assim à esfera do simbólico.

As primeiras impressões sobre as devoções se dão em tempos muitos remotos, num conjunto de crenças praticadas dentro da própria família, uma 'religião doméstica' de culto aos mortos e ao fogo sagrado. Cada família reservava um espaço, dentro de casa, onde realizavam suas cerimônias religiosas. Assim, no pequeno ambiente familiar, já havia um espaço destinado à adoração e ao culto: *um espaço sacralizado*.

Ao nos referirmos e estudarmos as questões ligadas ao sagrado devemos identificar, também os espaços e as relações com o profano. Os dois apresentam-se diametralmente opostos. Um se refere e se relaciona com a divindade, o outro não. A manifestação do sagrado é indicada pelo termo hierofania que, etimologicamente quer dizer algo sagrado que se revela.

Os dois espaços, sagrado e profano, ocorrem em uma relação ideal no cotidiano, essa relação é de tal natural mas a passagem de um plano a outro exige um sacrifício.

O espaço sagrado é um campo de forças em que o homem religioso eleva-se acima de si mesmo, através dos símbolos e ritos esse espaço desempenha o papel de mediado para que o homem entre em contato com os deuses, nas religiões politeísta, e com Deus, nas monoteístas. O homem religioso sente necessidade de construir e movimentar-se dentro do espaço sagrado, ordenado (cosmo), essa construção se

aplica para reproduzir a idéia da hierofania primordial, isolando-o assim do espaço profano (caos). (ROSENDHAL, 1996: 30-1)

Dentro do espaço sagrado, onde se estabelece, propriamente dita, a religião, FINKLER (1999:8) afirma que:

Toda religião possui um lado que aborda a conduta pessoal (ético) e um lado que trata da adoração (cerimonial) - um aspecto interno e um externo, que podem ser contrastados segundo Kant, como “igreja visível” e a “igreja invisível” – então a geografia da religião trata acima de tudo da religião cerimonial, devendo lidar com as idéias cerimoniais de mais importantes expressões geográficas.

A expressão geográfica de que trataremos, espacializada pela religião, se dá pela localização e identificação dos espaços sagrados. A presença do sagrado na vida urbana é demasiadamente forte, porém, difícil de mensurar:

A cidade se revelou, não apenas um meio de expressar os termos concretos a ampliação do poder sagrado e secular, mas também como um meio de expressão ampliada de todas as dimensões da vida. (ROSENDHAL, 1996:41)

A materialização do sagrado, obviamente observada no quadro urbano com a presença do templo religioso, das igrejas, capelas ou de um salão, onde as pessoas se reúnem para suas celebrações.

Ao falarmos de sagrado e de urbano, colocamos o templo como elemento de forte conexão entre a cidade e a religião. A presença do santuário ocupando o lugar central nos primeiros grupos de povoamento; pontos fixos e espaços sagrados de encontros periódicos ou permanentes, para os quais convergem devotos da mesma prática ou crença religiosa. (ROSENDHAL, 199:14)

A origem da cidade, em seu contexto cultural, está intimamente associada à religião e à origem da cidade em suas funções. Estudos arqueológicos constataram em inscrições de alguns documentos que as cidades surgiram mais por vontade de Deus do que por organizações políticas ou econômicas. Nessa cidade original havia a presença do sacerdote-rei, visto como ser semi-divino, intermediário entre o céu e a terra. Esses estudos apontaram através das ruínas das cidades, que nestas localizavam-se as diversas funções concentrando em seu núcleo o santuário, fonte, aldeia, mercado e fortificações. A cidade se revelou como um meio de expressar todas as dimensões da vida. (ROSENDHAL, 1999: 16-7).

Não menos importante para a formação da cidade do que sua centralização foi a segregação e tais eram atributos do santuário. Uma vez efetuada a transformação urbana, verifica-se de modo simultâneo o aparecimento das classes sociais. Foi no contexto dessas sociedades que surgiram as primeiras cidades. (ROSENDHAL, 1999:19).

CLAVAL (1999: 52), utilizando-se das observações de POLIGNAC (1984:30) destaca que:

A aparição do santuário significa uma modificação sensível da percepção do espaço, colocando desde logo um ponto final em seu estado de relativa indeterminação: este espaço é daí em diante organizado, repartido, e fica nitidamente traçada a fronteira entre sagrado e urbano.

A religião ou uma ideologia busca responder às questões existenciais das pessoas. Práticas, aparentemente irracionais, mostram-se eficazes porque fazem com que os homens esqueçam das suas angústias, integrando-os em uma massa unânime (CLAVAL, 1999: 51)

No Brasil, a introdução da religião oficial foi trazida pelos portugueses e pelos missionários que os acompanhavam. Durante o período colonial, o aspecto devocional dos fiéis, expresso na crença aos santos e aos títulos de Jesus e de Maria, através de romarias, novenas, promessas, ex-votos, procissões e festas a eles dedicadas exprimiam o caráter social e popular do catolicismo brasileiro. (ROSENDHAL, 1996: 71)

Os santuários exprimem a verdade sócio econômica do povo. Os pedidos que ocorrem com maior frequência são os de saúde, emprego e amor. Os romeiros vão buscar ajuda sobrenatural para resolver suas necessidades naturais. Assim a religião constitui-se em solução para frustrações desta vida terrena, como a realizadora de tudo que não pode ser resolvido por meios inerentes ao indivíduo. Os santuários guardam um simbolismo de ligação direta da pessoa ao santo. A visita a um espaço sagrado é, antes de mais nada uma vivência afetiva.

3. O SAGRADO E URBANO NA CIDADE DE MARINGÁ-PR

A cidade de Maringá, fundada a 10 de maio de 1947 pela Companhia de Terras Norte do Paraná (CTNP), “empresa de origem inglesa, que adquiriu do governo do Estado cerca de 500.000 alqueires de ‘terra roxa’ e por desbravar entre os Rios

Paranapanema, Ivaí e Tibagi” (LUZ, 1997:19). Sendo tal empresa sucedida em 1951 pela Companhia Melhoramentos Norte do Paraná (CMNP).

A finalidade dessa empresa estava ligada à colonização desta área, a instalação de infra-estrutura para a criação das lavouras de café, que à época moviam a economia nacional. A implementação de uma rede urbana de elevada densidade, formada por pequenos núcleos urbanos, distantes um dos outros cerca de 15 km, e de núcleos de médio porte, intercalados em distância de 100 km, favoreceram o crescimento das lavouras cafeeiras, vindo a região destacar-se como pólo sócio-político-econômico.

A população que veio ocupar estas terras recém desbravadas, ou ainda por desbravar, chegaram sobretudo das áreas agrícolas de São Paulo, que por sua vez eram em sua maioria descendentes de italianos; ocupando, como os demais pioneiros o núcleo inicial do Maringá Velho e “ *começaram a pensar em erguer a sua própria igreja. Com a colaboração de todos – uns com seu trabalho, outros com o material necessário – construiu-se a capela ainda hoje existente naquele antigo bairro*” (LUZ, 1999:132)

Com a instalação da capela Santa Cruz a igreja católica começou a tomar forma e a se espacializar na Cidade de Maringá.

Em 1º de fevereiro de 1956, o Papa Pio XII (Pontífice de 2 de março de 1939 a 9 de outubro de 1958) cria através da Bula “*Latíssimas Partire Ecclesias*” a Diocese de Maringá, desmembrando-a da de Jacarezinho. Em 3 de dezembro do mesmo ano, o Papa Pio XII elege o então monsenhor Jaime Luis Coelho, cura da Catedral de Ribeirão Preto – SP, como 1º Bispo Diocesano de Maringá e o apresenta ao povo desta diocese, sendo sagrado Bispo em 20 de janeiro de 1957.

Em 24 de março de 1957 ocorre a instalação da Canônica da Diocese de Maringá e a posse de seu Bispo, D. Jaime Luis Coelho que desembarca no aeroporto de Maringá sendo aguardado por uma multidão defronte à antiga Catedral ainda em madeira.

Pouco mais de um ano passou-se de sua chegada a Maringá e em 15 de agosto de 1958 é lançada a pedra fundamental da Nova Catedral da cidade; a qual em 21 de janeiro de 1982 recebe do Papa João Paulo II o título de Basílica Menor Nossa Senhora da Glória.

Datado de 16 de janeiro de 1979, é criada a Província Eclesiástica de Maringá, composta pelas Dioceses de Maringá, Paranavaí, Campo Mourão e Umuarama.

4. ANÁLISE DOS DADOS

Este estudo busca relacionar as paróquias localizadas na cidade de Maringá-PR e sua relação com o comércio local.

Com a expansão dos bairros, conjuntos e loteamentos que vão ocupando o perímetro urbano de Maringá, distanciando as pessoas do centro principal, gerando assim sub-centros comerciais. Com a religião, o processo é semelhante, pois com o crescimento urbano também aumenta as dimensões das paróquias e sua população. Crescimento este que muitas vezes torna possível a criação de uma nova comunidade, que posteriormente tornar-se-á uma capela e, por fim, uma nova paróquia com vida independente da qual foi desmembrada.

Atualmente, 22 paróquias encontram-se instaladas na cidade de Maringá-PR, e distribuídas espacialmente como demonstra a figura 1.

Ao observarmos a espacialidade das paróquias na cidade de Maringá, podemos afirmar que as mesmas encontram-se em distribuição uniforme. Não há local na cidade em que haja uma concentração de paróquias, apesar dos bairros abrangidos não possuírem a mesma densidade populacional, o que significa que algumas possuem uma quantidade maior de fiéis, em virtude do bairro em que se encontra instalada.

Destas paróquias localizadas em Maringá nove possuem um núcleo de comércio desenvolvido em suas cercanias, caracterizando um subcentro comercial, definido por FAGANELLO (2000:17) como:

“uma aglomeração diversificada e equilibrada de comércios e serviços, que não o do centro principal, e isto acontece de uma forma natural ou forçada nos bairros (...) desenvolvendo muitos daqueles serviços até então apenas encontrados nas áreas centrais. Assim, nestes lugares há a proliferação de lojas comerciais, consultórios, bancos, escolas, restaurantes, bares, padarias entre outros comércios, que buscam atender à população residente no local, ou em suas proximidades”.

A escolha das paróquias Divino Espírito Santo, Santo Antonio de Pádua e Sagrado Coração de Jesus para a aplicação dos questionários, deve-se ao fato destas, por sua data de criação (1969, 1960 e 1980 respectivamente) já configurarem uma área estável de comércio e moradias, diferentemente de outros pontos da cidade cujas paróquias podem se localizar em áreas residenciais (Paróquia São Francisco Xavier e Menino Jesus de Praga) ou ainda em bairros que estão se configurando e expandindo na cidade de Maringá (Paróquia Santa Rita de Cássia).

Nestas áreas de comércio identificamos as atividades voltadas para um “comércio de vizinhança”: padarias, mercados, cabeleireiros, farmácias, lojas de armarinhos, brinquedos, confecções. O comércio presente, nas áreas em estudo, caracteriza-se pela necessidade do fluxo de pessoas, que por vezes freqüentam o templo, uma vez que os mesmos, nos casos das áreas que possuem um sub-centro comercial, encontram-se em locais de agregado valor econômico, atraindo, investimentos, a exemplo, a instalação de um banco estatal ao redor de uma praça paroquial, como exemplo do Banco do Brasil na praça Monsenhor Bernard Cndde, da Paróquia Divino Espírito Santo.

Temos a presença marcante de colégios e instituições de ensino (sete ao total), enfatizando o dado muito presente na Igreja, que é a detenção do conhecimento científico e teológico, resquícios da Idade Média quando a Igreja administrava todo conhecimento como destaca VICENTINO (1997: 155):

“Não havia qualquer instituição educacional, exceto as escolas episcopais, mantidas pelos bispos com o propósito de garantir a continuidade da formação

dos clérigos (...). Assim a Igreja adquiriu na Alta Idade Média, o controle da educação, sendo o clero, a elite intelectual, e suas escolas as únicas instituições culturais”.

Além da educação, a Igreja esteve presente como a autoridade local, como explicitado através da Catedral Basílica Menor Nossa Senhora da Glória, situada no centro político da cidade, junto ao poder Legislativo (Câmara de Vereadores) Executivo (Prefeitura Municipal) e Judiciário (Fórum da Comarca). Salientamos, também, que encontramos em sua abrangência o Instituto de Educação Estadual de Maringá, um dos maiores colégios estaduais da cidade e o Hotel Bandeirantes, importante marco na história da colonização destas terras.

5. CONCLUSÃO

As atividades culturais, serem conforme destaque dado pelos pesquisadores referenciados nesta obra, de difícil mensuração e de tão próximas acharem-se do pesquisador, tornando-se de tal torna familiar ao mesmo, que este tende a perder alguns aspectos importantes intrínsecos à essas atividades.

Ao longo do estudo proposto nesta obra, percebe-se que a cidade é formada por um complexo de relações existentes entre pessoas, e destas com o espaço ocupado.

Conseqüentemente, esta inter-relação pessoa *versus* espaço determina a caracterização peculiar da paisagem, evidenciando a cultura do grupo distinto que nele vive.

Ao tomar-se como objeto de estudo a relação do comércio com a religião na cidade de Maringá-PR, verificou-se que tal relação existe, mas de forma não tão evidente quanto a presente nas cidades-santuários.

Entretanto, pode-se afirmar que mesmo o fluxo de pessoas atraídas pelas práticas religiosas, desenvolvidas no templo religioso das paróquias católicas em estudo, ser de menor montante que o de tais cidades, o mesmo é o responsável pela valorização espacial e pelo favorecimento do comércio adjacente, em virtude da presença do sagrado.

Conclui-se, diante do apresentado, que apesar da religião ser um fator influenciador da ocupação e da organização espacial de uma cidade; o evidenciado em Maringá-PR é ainda sutil.

6. BIBLIOGRAFIA

- ARQUIDIOCESE de Maringá (1997). Revista Comemorativa aos 40 anos de criação da Diocese. Maringá.
- BERQUE, Augustin (1998). Paisagem-Marca, Paisagem-Matriz: Elementos da Problemática para uma geografia cultural. In.: CORREA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. org (1998). Paisagem, tempo e cultura. Rio de Janeiro: EdUERJ
- BOBEK, Hans & SCHMITHUSEN, Josef (1998) **A Paisagem e o sistema lógico da geografia**. In.: CORREA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. org (1998). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ
- CLAVAL, Paul (1999). **O tema religião nos estudos geográficos**. Revista Espaço e Cultura. n. 7. pg 37-58 jan-jun/1999 Rio de Janeiro. UERJ-NEPEC.
- CLAVAL. Paul (2001). **A geografia cultural** 2ª. ed. Florianópolis: Ed da UFSC.
- CORREA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. org (1998). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ
- CORREA, Roberto Lobato (1998) **Geografia Cultural – Uma Bibliografia**. Revista Espaço e Cultura. n. 5. pg 67-71 jan-jun/1998 Rio de Janeiro. UERJ-NEPEC.
- CORREA, Roberto Lobato (2002). **Região e Organização Espacial**. 7ª. ed. São Paulo: Ática.
- CORREA, Roberto Lobato (2003) **O espaço Urbano**. 4ª.ed. São Paulo. Ática.
- COSGROVE, Denis (1998). **A geografia esta em toda parte: cultura e simbolismo nas paisagens humanas**. In.: CORREA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. org (1998). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ
- FAGANELLO. Waney Maria (2000). **Os sub-centros comerciais na cidade de Maringá**. Monografia apresentada ao Programa de Iniciação Científica, PIBIC-CNPq/UEM. Maringá.
- FICKELER, Paul (1999) **Questões Fundamentais na Geografia da Religião**. Revista Espaço e Cultura. n. 7. pg 7-35 jan-jun/1999 Rio de Janeiro. UERJ-NEPEC.
- IBGE (2002). **Atlas Geográfico Escolar**. IBGE:Rio de Janeiro.
- IBGE (2003) **Vou te Contar. Revista do Censo 2000**.IBGE: Rio de Janeiro. n. 9 pg 7-8. (versão eletrônica).
- LUZ, France (1999) **Maringá: a fase de implantação**. In.: DIAS, Reginaldo Benedito & GONÇALVEZ, José Henrique Rollo. org. (1999). **Maringá e o Norte do Paraná: estudos de história regional**. Maringá: EDUEM.

LUZ, France. (1997) O Fenômeno Urbano Numa Zona Pioneira. Maringá.

ROSENDAHL, Zeny (1996). **Espaço e religião: uma abordagem geográfica**. Rio de Janeiro: UERJ, NEPEC

ROSENDAHL, Zeny.(1999). **Hierópolis: o sagrado e o urbano**. Rio de Janeiro: EdUERJ.

ROSENDAHL. Zeny (1999). **Geografia da Religião – Uma Bibliografia**. Revista Espaço e Cultura. n. 7. pg 75-80 jan-jun/1999 Rio de Janeiro. UERJ-NEPEC.

SAUER, Carl Ortwin (1997). **Geografia Cultural**. Revista Espaço e Cultura. n. 3. p 1-7 jan/1997 Rio de Janeiro. UERJ-NEPEC.

SAUER, Carl Otwin (1998) **A Morfologia da Paisagem**. In.: CORREA, Roberto Lobato & ROSENDAHL, Zeny. org (1998). **Paisagem, tempo e cultura**. Rio de Janeiro: EdUERJ

VICENTINO, Cláudio. (1997) **História Geral**. 4^a.ed. São Paulo: Scipione.